

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

O SEMEADOR DE ESPERANÇAS

Ana Sanchez

No centro de uma praça pública de Estocolmo, capital da Suécia, a escultura de sete homens e mulheres reconhecidos mundialmente por sua luta contra a opressão está disposta sob a forma de cadeiras de pedra. Lá, o passante que escolher a segunda cadeira, da esquerda para a direita, poderá sentar-se no colo do educador brasileiro Paulo Freire e, quem sabe, aproveitar a inspiração do mestre para meditar sobre as saídas que ainda haveria, no mundo de hoje, para a construção de uma sociedade democrática e justa para todos os homens.

Foi para essa tarefa que Paulo Freire se voltou durante os seus 75 anos de vida – encerrada no início de maio passado –, alicerçando seu trabalho na crença do poder que a educação pode ter na transformação das sociedades. A educação que ele defendia está necessariamente voltada para a libertação da consciência das populações pobres e oprimidas, submetidas aos valores, aos interesses e à ideologia dos dominantes. Durante toda sua vida ele trabalhou, como um intelectual, na construção de um corpo de idéias que fundamentassem essas certezas. E, como um operário, em dezenas de projetos que levaram à prática, no mundo todo, sua pedagogia libertadora dos mal-nascidos. Alimentava-o o respeito à diferença, que considerava a grande riqueza da humanidade, o horror ao autoritarismo e uma inquebrantável esperança de que, juntos, poderemos melhorar o mundo.

O banco de pedra com a cabeça de Paulo Freire é uma das centenas de homenagens que o mundo prestou ao mais conhecido educador que nosso país já produziu. Foi esculpido em 1972, quando Freire morava na Suíça, em meio a um exílio forçado que durou longos 16 anos e só permitiu seu retorno definitivo ao Brasil em 1980.

Durante esse tempo, foi chamado para elaborar e desenvolver projetos educacionais em diversos países, atendendo populações que tentavam se recuperar do estrago causado pela dominação colonialista da qual haviam saído recentemente. Para a libertação da “consciência crítica” desses homens e mulheres, como gostava de dizer, punha em prática a metodologia que começara a desenvolver no final de década de 50, em Recife, sua cidade natal.

Ali, formado em Direito e trabalhando como professor de Português, ele percebe o absurdo de tentar-se alfabetizar jovens e adultos trabalhadores e sofridos usando-se as mesmas cartilhas infantilizadas onde as crianças aprendem que “o bebê bebe o leite”. E vai mais além: declara que aos adultos analfabetos não basta saber ler que ‘Eva viu a uva’. Para Paulo Freire, “é preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”, como lembra Moacir Gadotti, diretor do Instituto Paulo Freire de São Paulo, no livro *Paulo Freire - Uma Biobibliografia* (Cortez Editora).

Avançando nessa direção, Paulo Freire sistematizou e colocou em prática uma ~~técnica~~ para a alfabetização de adultos que passou a ser conhecida como “método Paulo Freire” e que, com adaptações regionais, é aplicada em vários países até hoje. Em suas primeiras experiências, na cidade de Angicos (RN), cerca de 300 trabalhadores rurais se alfabetizaram em apenas 45 dias. Uma das bases sobre as quais seu método se assentava era a construção de uma nova e democrática relação em sala de aula – onde o professor deixava de ser a encarnação de quem tudo sabe e aprendia tanto com os alunos quanto estes com ele. Outra era a escolha dos temas de estudo a

nova feon?

partir de discussões coletivas, onde os interesses e a realidade cotidiana dos alunos emergiam. Outra ainda rezava que o aprendizado da leitura e da escrita deveria ser desenvolvido a partir de palavras-chave surgidas nessas discussões.

Na cidade de Brasília, por exemplo, onde Paulo Freire estava no início de 1964 a convite do governo de João Goulart para realizar um programa nacional de alfabetização de adultos, a primeira palavra escolhida pelo grupo de alunos e professores foi **tijolo**. Estava associada à situação dos pedreiros que trabalhavam nas construções da cidade. Outra palavra foi **Sobradinho**, cidade-satélite onde os trabalhadores da construção moravam, representada na sala de aula pela ilustração de um ônibus. Durante as discussões que os grupos de alunos faziam sobre a palavra escolhida e sobre o que a cidade de Sobradinho representava no contexto em que viviam, um dos alunos-trabalhadores observou: "nós também somos satélite".

Os planos de Paulo Freire, nesse momento, eram que o programa alcançasse 5 milhões de analfabetos em todo o país, tornando-os capazes de "ler as palavras e o mundo em que vivem", como costumava dizer, ainda em tempo de poderem votar nas próximas eleições – privilégio até então reservado a apenas 11 milhões e 600 mil eleitores alfabetizados em todo o país.

Não pôde fazê-lo. O governo militar implantado pelo golpe de 1964 extingue o programa, acusa Paulo Freire de "ignorante" e "subversivo" e o mantém preso por 75 dias. Sentindo-se ameaçado, ele pede asilo à embaixada da Bolívia e sai do país sob a guarda do embaixador. Vive alguns anos no Chile, trabalhando como consultor da UNESCO (órgão da ONU-Organização das Nações Unidas) junto ao Instituto de Reforma Agrária do Chile, depois nos Estados Unidos, como professor da Universidade de Harvard.

Em 1970 Paulo Freire muda-se para a Suíça, onde leciona na Universidade de Genebra e atua como consultor especial do departamento de educação do Conselho Mundial de Igrejas. Nessa condição, viaja pela África, Ásia, Oceania e América – exceto Brasil, onde estava proibido de pôr os pés –, ajudando a formular e implementar planos de educação para atender populações pobres e marginalizadas.

Escreve, também, vários livros. Num dos primeiros, *Pedagogia do Oprimido*, publicada em mais de 20 idiomas, denuncia o que chama de concepção "bancária" da educação. Nela o educador é visto como o único que sabe e pode pensar, encarregado de "depositar" no aluno o saber, como quem faz uma doação. Esta concepção burguesa, dizia ele, destina-se a manter a divisão existente na sociedade, já que a consciência do oprimido permanece imersa nos valores do opressor. A essa pedagogia ele contrapõe o que chama de uma concepção problematizadora, de caráter libertador, fundada no diálogo entre educador e educando, no respeito ao saber do aluno e na construção de sua consciência crítica. "Os homens se educam juntos, na transformação do mundo", acreditava.

Em 1980, finalmente, o Brasil devolve seu passaporte e Paulo Freire pode retornar, para "re-aprender o meu país", como disse assim que chegou, saudoso da terra, das gentes, do peixe ao leite de coco e das galinhas de cabidela que nunca deixaram sua mesa, durante todos os anos seguintes, em que morou em São Paulo. Aceita os convites que recebeu e começa a lecionar na Universidade de Campinas e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Mesmo à distância, durante seu exílio, Paulo Freire havia participado da fundação do Partido dos Trabalhadores. Com a eleição de Lulza Erundina para a prefeitura

de São Paulo, ele assume, em 1989, a Secretaria de Educação do Município. "Administrou democraticamente", conta Moacir Gadotti, que trabalhou com ele durante esse período. "Criou um programa de formação permanente de professores, incentivou a autonomia das escolas e a participação da comunidade e fundou um movimento de alfabetização de jovens e adultos, o MOVA, em colaboração com os movimentos sociais e populares da cidade, que repercutiu e fez seguidores em todo o país".

Em 1991, com a saúde momentaneamente abalada, ele se afasta do cargo e volta para casa, para escrever. Em seus últimos livros denuncia o utilitarismo noliberal, defendendo uma sociedade que incorpore a tecnologia mas a subordine à cooperação e à solidariedade.

Numa entrevista feita no final de 1995 eu lhe perguntei sobre a preocupação que se generalizou entre nós nos últimos anos, de educar para o trabalho. Queria saber se isso não podia levar à formulação equivocada dó que seja uma educação de qualidade. Ele respondeu: "O que se vê cada vez mais é a despolitização da educação, como consequência - e eu não endosso isso - de um propalado desaparecimento das classes sociais, dos conflitos sociais, do fim das ideologias. Nesse quadro, a educação não teria mais que desvelar nenhuma verdade oculta, não teria que girar mais em torno de sonhos e ideologias, tornando-se apenas o treino técnico e científico do educando. É como se fosse possível dizer, por exemplo: acabe com essa mania de desassossegar o educando, discutindo com ele as razões da dor social - as razões que podem explicar por que 33 milhões vão morrer de fome e você e eu vamos continuar aqui. Eu bato o pé, com meus 73 anos de idade, e não aceito que a educação seja isso. Quero usar minha curiosidade e minhas dúvidas para poder saber, e saber para mudar o mundo."